

RELAÇÕES LÓGICAS: A OPOSIÇÃO NAS LETRAS DA LEGIÃO URBANA

Alena Salgado de Sá
Doutoranda da Universidade Federal Fluminense na área de Estudos da Linguagem
Professora do Colégio Pedro II desde 1992
alena-sa@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho, alinhado à perspectiva semiolinguística proposta por Chareaudeau (1992), analisa a relação lógica de oposição e os conectores usados para estabelecê-la em versos de músicas do conjunto de pop rock nacional Legião Urbana. As letras de música são um instrumento de interesse dos alunos e, portanto, um grande aliado como material de ensino-aprendizagem. Desse modo, esse estudo pretende estabelecer os conectores mais usados no português coloquial para estabelecer oposição. Os resultados encontrados mostram a frequência de uso do conector “e”, comumente ensinado como conector de adição de ideias, e das palavras consideradas denotativas como introdutores da relação de oposição.

PALAVRAS-CHAVE: Relações lógicas, oposição, conectores

ABSTRACT:

This study, based on the semiolinguistic perspective proposed by Chareaudeau (1992), aims to analyse the logical relation of opposition and the connectors used to establish this relation in lines from lyrics of Brazilian pop rock group, “Legião Urbana.” Lyrics are fun and interesting for the students and, therefore, serve as a useful tool for teaching. Thus, this paper intends to highlight the most used connectors employed in colloquial Brazilian Portuguese to establish the relation of opposition. The results found show that the conector “and,” usually taught as a conector for addition, and the words classified as denotatives can often be applied to introduce opposition.

KEYWORDS: logical relations, opposition, connectors

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da relação lógica de oposição sob a ótica da semiolinguística proposta por Chareaudeau (1992). Para Charaudeau (1992: 495), uma relação lógica é aquela em

que proposições sobre o mundo são ligadas, de forma que a existência de uma dependa da existência da outra e vice-versa. Essas relações podem ser de conjunção, disjunção, restrição, oposição e causalidade.

O *corpus* em que se assenta o presente trabalho é constituído por letras de músicas do conjunto de pop rock nacional Legião Urbana.

Este trabalho apresenta basicamente três partes principais: (1) os pressupostos teóricos, focando os conceitos e descrições acerca da Semiologia, e das relações lógicas de oposição segundo a teoria de Charaudeau (1992); (2) a análise do *corpus*, (3) as conclusões, e (4) as possíveis implicações para o ensino.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1. A Semiologia

A Semiologia é a área de análise do discurso que faz uso de conceitos da semiótica, que analisa dados extralinguísticos dentro do processo de comunicação, dados extraídos da situação comunicativa, como o perfil do emissor da mensagem (falante ou escritor) e do receptor (ouvinte ou leitor), a conjuntura histórica, o gênero textual, enfim, todos os fatores extralinguísticos envolvidos no processo comunicativo. Assim, através da análise semiótica se pretende depreender uma significação que não fica restrita ao valor semântico das palavras. Todavia, esse valor também será levado em conta já que essa análise também leva em consideração em sua visão do processo comunicativo, a decodificação dos signos verbais, as palavras e sua ligação semântica, o que permite a conexão lógica de ideias dentro do sistema de língua, expressas pelo sistema de escrita, fala, entre outros. Esses fatores linguísticos e extralinguísticos se realizam no discurso, porque há todo um contexto discursivo em que estão presentes outros textos, ideias, conceitos, representações, e ideologias aos quais direta ou indiretamente, este fará referência.

Dentro dessa perspectiva, Charaudeau estabelece que o receptor é uma espécie de co-autor que trabalha no processo de construção do significado do texto. A construção do sentido sob a responsabilidade de um sujeito (falante ou escritor), movido por uma determinada intenção, ou

seja, um sujeito que tem, em sua mente, um projeto de comunicação visando influenciar alguém: tal projeto está encaixado no mundo social no qual vivem e circulam os sujeitos-comunicantes.

Para que se realize a semiotização do mundo é necessário um duplo processo: o processo de transformação, que, partindo de um mundo a significar, transforma-o em mundo significado sob a responsabilidade de um sujeito falante – que transforma sua visão de mundo em texto; e o processo de transação, que faz desse mundo significado um objeto de troca com o outro sujeito falante, que desempenha o papel do destinatário.

Dessa forma, para Charaudeau todo ato de linguagem carrega em si uma intencionalidade, está inserido em determinada situação e é portador de um propósito. O ato de linguagem é produzido pelas circunstâncias sociais do discurso e sua realização leva em conta o que está explícito e o que está implícito na linguagem, sinalizando, assim, para os textos por nós produzidos, no ato de comunicação. Dessa forma, o conceito de contrato de comunicação ocupa um lugar central nesse modelo de análise, na medida em que define como condição para qualquer prática de linguagem o reconhecimento recíproco dos interlocutores enquanto parceiros da comunicação, que tem um projeto de comunicação ao qual é possível atribuir uma pertinência intencional.

A teoria semiolinguística, ao absorver noções trazidas pela Pragmática (como a ideia de ato de linguagem), pela Teoria da Enunciação (considerando o espaço enunciativo) e pela Sociolinguística (que propõe vincular o enunciado ao contexto social e cultural), estabelece que a competência linguística - diferente do postulado por Chomsky, para quem a competência se refere à capacidade do falante/escritor de determinada língua de produzir incontáveis orações (inclusive inéditas) a partir de alguns enunciados submetidos a transformações conforme um sistema de regras complexas - refere-se à capacidade que o sujeito (falante/escritor ou ouvinte/leitor) deve dominar para construir o sentido textual.

1.2. As Relações Lógicas

Segundo Charaudeau os procedimentos linguísticos de articulação lógica são categorias da língua que refletem a organização argumentativa da linguagem, embora estas, como também outras categorias da língua, possam ser colocadas a serviço de outros modos de organização do discurso. As categorias de língua são determinadas pelo contexto da comunicação.

Por operação lógica, entende-se a operação que liga duas proposições sobre o mundo, de modo que a existência de uma dependa da existência da outra e vice-versa. Essas duas asserções

são unidas por um laço conceitual, e não formal. Esse laço é o resultado de operações de pensamento que constituem as relações de sentido entre seres, propriedades e ações; por isso, então, essa relação de sentido é chamada de lógica.

Existem três níveis de construção das relações lógicas: o cognitivo, onde são construídos os arquétipos lógico-linguísticos; o linguístico, em que a relação lógica é especificada pelas marcas formais; e o discursivo, em que o contexto e a situação de comunicação integram essa relação num dispositivo argumentativo.

A tradição gramatical não trata as relações lógicas de acordo com fatores semânticos, sendo a noção de oração, de caráter somente morfossintático. Na gramática tradicional, as relações entre as orações são classificadas segundo o traço formal que as une, as marcas de subordinação e as combinações modais. Isso não permite estabelecer as operações lógicas sobre as quais se baseiam as proposições. Na gramática de Charaudeau, todavia, as relações entre as proposições, ou orações, segundo a visão tradicional, são analisadas numa perspectiva semântica, que leva em consideração o contexto e a intencionalidade do falante.

A realização linguística das relações lógicas é feita através de marcas formais: palavras gramaticais, palavras do léxico e outras construções. As palavras gramaticais, chamadas de conjunções na tradição gramatical e de conectores na Semiologia, são consideradas polissêmicas na gramática semântica. Isto é, um mesmo conector pode exprimir relações lógicas diferentes, ou ainda, uma mesma relação lógica pode ser expressa por conectores diferentes.

As palavras lexicais integram uma relação lógica implícita. Certas construções de frases assinalam uma relação lógica pela hierarquia que estabelecem entre as asserções que as compõem. Uma relação lógica entre duas asserções também pode ser estabelecida sem marcas formais explícitas, apenas pela simples pontuação.

Charaudeau indica cinco relações lógicas estabelecidas entre duas asserções: a conjunção, a disjunção, a restrição, a oposição e a causalidade, esta última reunindo as subcategorias: implicação, explicação e hipótese.

1.3. A Oposição

A oposição é a relação lógica que se estabelece entre duas asserções, cujos termos se opõem dois a dois, pelo menos. Por exemplo: “Enquanto chove em Paris, faz sol em Nice”. Esses termos colocados em confronto se encontram no mesmo eixo semântico – chove x faz sol; Paris x Nice.

Na oposição, não temos a negação de uma asserção implícita consequência da primeira asserção (de base). Pelo contrário, as duas asserções são contrárias de forma explícita.

As relações de oposição podem ter efeitos contextuais de tempo e simultaneidade temporal: "Eu não gosto de ficar em casa doente, enquanto as pessoas passeiam lá fora", espaço: "Sofia adora brincar com suas bonecas, ao passo que Celine prefere brincar de comidinha" e ação (com simultaneidade temporal): "Uns cantam sem dançar, outros dançam sem cantar".

Várias marcas podem ser usadas para estabelecer contraste de sentido entre as proposições unidas num mesmo período. Podem ser usados antônimos, paráfrases, justaposição dos termos e etc. Conectores como *ao passo que*, *enquanto (que)*, *quando*, *mas* são também frequentemente usados para marcar a oposição. Outros conectores, tradicionalmente considerados pertencentes a relações lógicas diferentes, como é o caso de *e* e de *se* também são usados para expressar oposição. Além disso, essa relação pode ser estabelecida apenas por pontuação.

1.4. A Restrição

Para Charaudeau, os mecanismos de contra-expectativa fazem parte da relação lógica de restrição. A restrição engloba as categorias que a Gramática Tradicional trata como adversativas e concessivas.

A operação de restrição envolve três asserções: a asserção de base e a asserção restritiva e a terceira asserção, normalmente implícita. As duas asserções são ligadas de maneira que uma delas, geralmente a segunda, nega a asserção (frequentemente implícita) que poderia ser uma das consequências da outra asserção, considerada asserção de base. Como a negação recai sobre uma das consequências possíveis da asserção de base, e não sobre ela própria, é que se estabelece a relação de restrição e não a de oposição. Por exemplo: "Chove em Paris, mas faz bom tempo em Nice". Como está chovendo em Paris, cria-se a expectativa (asserção implícita) de que chove em toda a França, mas a oração restritiva "mas faz bom tempo em Nice", nega essa expectativa implícita, sem negar a asserção de base.

A asserção restritiva é expressa com a ajuda de um termo contrário ao da consequência implícita, ou com a ajuda de uma simples negação. Ela se encontra no mesmo eixo semântico da asserção implícita e não no da asserção de base, que deve possuir algo em comum com a sua consequência implícita, que será negada.

A restrição, segundo Charaudeau, pode ser simples ou concessiva. A diferença entre elas é o emprego dos conectores em termos das estratégias utilizadas pelo falante/escritor: a estratégia

de suspense ou a estratégia de suspense. No exemplo acima “Chove em paris, mas faz bom tempo em Nice”, temos uma restrição simples, com estratégia de antecipação. O falante/leitor utiliza o conector fazendo com que o ouvinte/leitor infira uma conclusão a partir da asserção de base, que será negada pela restrição introduzida por *mas*.

No caso da restrição concessiva, o falante/escritor utiliza a estratégia da antecipação, isto é, anuncia, de antemão, que o argumento introduzido pela concessiva vai ser anulado, preparando o ouvinte/leitor para uma conclusão contrária à esperada. Por exemplo: “Embora seja forte, ele é burro”. Nesse caso, há uma pressuposição de que como ele é forte, tenha outras qualidades; pressuposição esta que é negada. A concessão indica uma conclusão contrária à esperada desde o primeiro momento.

Em relação aos efeitos contextuais, a asserção restritiva pode introduzir sobre a asserção de base um julgamento negativo ou positivo. Exemplos: “Ele é um ótimo funcionário, mas não ganhará aumento” (retificação negativa) e “Ele é mau funcionário, mas ótima pessoa” (retificação positiva).

1.5. Os Conectores

Os processos de sequencialização que mostram os tipos de interdependência semântica existente entre frases são chamados de junção por Beaugrande e Dressler (1981). Essa junção é marcada, linguisticamente, pelos conectores interfrásticos e as pausas. Para eles, pelo menos quatro grandes classes de junção podem ser estabelecidas: a *conjunção* (liga elementos com o mesmo *status*, ambos verdadeiros no mundo textual), a *disjunção* (liga e dois elementos dos quais só um pode ser verdadeiro no mundo textual), a *subordinação* (liga elementos em que o *status* de um depende do *status* do outro: condição/acontecimento, causa/efeito etc. e a *contrajunção* (liga elementos que, tendo o mesmo *status*, parecem incompatíveis no mundo textual). Esses autores não se referem explicitamente a relação de *oposição*, assim, a *contrajunção* é a relação que engloba as relações de *contra-expectativa*.

Para Adam (2008), os conectores fazem parte de uma classe de expressões da língua que abrange, além de algumas conjunções de coordenação (*mas*, *portanto*, *ora*, *então*, *e*), algumas conjunções e locuções de subordinação (*como*, *porque*, *o que quer que seja*, etc.) e grupos nominais preposicionais (*apesar disso*, etc.). Ele faz também uma distinção entre os conectores de três tipos de marcadores de conexão: os conectores argumentativos, os organizadores e marcadores textuais e os marcadores de responsabilidade enunciativa.

Os organizadores e marcadores textuais ordenam o tempo, o espaço, a progressão do texto e a indicação de suas partes. Podem ser, então, espaciais, temporais, enumerativos, de mudança de topicalização, e de exemplificação. Os marcadores de responsabilidade enunciativa, por sua vez, têm a função de atribuir um trecho do texto ou todo o texto a um ponto de vista. Finalmente, os conectores argumentativos unem as funções de segmentação, de responsabilidade enunciativa e de orientação argumentativa do enunciado. Eles podem reutilizar uma proposição como um argumento, uma conclusão ou como um argumento que suporta ou reforça uma inferência ou, ainda, como um contra argumento. Estão aí incluídos os argumentativos e concessivos (mas, entretanto, no entanto, mesmo que, etc.), os explicativos e os justificativos (pois, porque, já que, etc.), os hipotéticos e os simples marcadores de argumento (até, até mesmo, aliás, por sinal, etc.).

De acordo com Ducrot (1977), há dois tipos básicos de elementos que tem como função estabelecer uma conexão entre frases: os conectores de tipo lógico e os encadeadores de tipo discursivo. Os conectores lógicos marcam o tipo de relação lógica pretendida pelo falante/escritor entre duas proposições. Eles ligam um único enunciado, resultante de um só ato de fala, e as proposições unidas são dependentes umas das outras numa relação de subordinação semântica. Já os encadeadores discursivos introduzem enunciados unidos por coordenação semântica. Eles estruturam os enunciados em textos, sendo, cada um dos enunciados, proveniente de um ato de fala diferente. Nota-se que são enunciados independentes, provenientes de atos de fala distintos, por poderem vir sob a forma de dois períodos, ou até emitidos por falantes/escritores distintos. Recebem o nome de encadeadores do discurso, porque tanto podem unir orações de um mesmo período, quanto parágrafos em um texto.

Para Charaudeau, a configuração linguística das relações lógicas se faz através de marcas formais: palavras gramaticais, palavras do léxico - a gramática tradicional não dá conta da função de conectores das palavras chamadas por ela de denotativas - e certas construções. As palavras gramaticais chamadas de conjunções na gramática normativa e, de conectores, na análise do discurso, são, ao contrário do que prega a gramática tradicional, polissêmicas. Um conector pode estabelecer relações lógicas diferentes, ou uma mesma relação lógica pode ser expressa por conectores diferentes. As palavras lexicais integram uma relação lógica implícita. Certas construções de frases assinalam uma relação lógica pela hierarquia entre as asserções que as formam. É possível também estabelecer uma relação lógica entre duas asserções sem marcas formais explícitas, apenas pela simples justaposição das frases, com o uso da pontuação.

2. METODOLOGIA DE ANÁLISE

Para esse trabalho, usamos letras de músicas do conjunto de pop rock nacional “Legião Urbana”. Dessas letras foram destacados os versos onde encontramos exemplos das relações lógicas de restrição e oposição. Esses exemplos foram analisados em termos das relações presentes (oposição ou restrição), das suas implicativas semânticas e dos conectores usados para estabelecer essas relações.

3. ANÁLISE

Texto 1:

Eduardo e Mônica

(1) Quem um dia irá dizer

Que existe razão

Nas coisas feitas pelo coração?

E quem irá dizer

Que não existe razão!

Nesses versos, temos um exemplo da relação de oposição. As duas asserções se opõem de maneira explícita e a oposição é feita entre termos contrários pertencentes ao mesmo eixo semântico, mas contrários dois a dois: “quem x quem” (eixo semântico de pessoas de crenças opostas) e “existe razão x não existe razão” (eixo semântico da existência de razão). A oposição é estabelecida entre as pessoas que acreditam que há uma razão para o amor e as pessoas que acham que ele é apenas uma coincidência. Para marcar essa relação de oposição com efeito contextual de ação, o autor faz uso do paralelismo de termos “quem irá dizer...que existe razão” e “quem irá dizer ...que não existe razão”.

Essa oposição de termos dois a dois é introduzida pelo conector e, considerado por Monnerat (2003) como um “conector coringa”, já que ele pode estabelecer diferentes ligações de sentido, entre elas, a de oposição.

(2) ‘Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar

Ficou deitado e viu que horas eram’

Nos versos acima temos um exemplo de restrição. A partir de “Eduardo abriu os olhos”, forma-se uma asserção implícita de que seria de se esperar que ele se levantasse e saísse da cama já que abriu os olhos. Todavia, não é o que acontece, a frase introduzida pelo conector “mas” nega essa asserção implícita.

(3) "Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir

Festa estranha, com gente esquisita”

Nesses versos a restrição não é introduzida por um conector, e sim, pela justaposição das orações. Podemos inferir a asserção implícita na primeira oração, ou seja, se tem uma festa legal e a gente quer se divertir, espera-se que isso realmente aconteça. Mas, a festa era estranha e as pessoas, esquisitas, e a diversão esperada não se realiza. A frase seguinte nega a asserção implícita da asserção de base contida na primeira frase.

(4) “O Eduardo sugeriu uma lanchonete,

Mas a Mônica queria ver o filme do Godard”

A partir da sugestão de Eduardo, a expectativa que se cria (asserção implícita) é a de que eles tenham ido fazer um lanche juntos. Mas, novamente, essa expectativa não é realizada, caracterizando uma nova restrição. A frase restritiva, introduzida pelo conector “mas”, nega a asserção implícita sugerida pela asserção de base.

(5) “A Mônica de moto e o Eduardo de camelo”

Nesse verso temos um exemplo da relação de oposição. As duas asserções se opõem de maneira explícita e a oposição é feita entre termos contrários pertencentes ao mesmo eixo semântico, mas contrários dois a dois: “Mônica x Eduardo” (eixo semântico de pessoas de gêneros e idades diferentes) e “moto x camelo” (eixo semântico de meios de transporte). O conector usado para estabelecer essa oposição é o conector “e”.

(6) “O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar

Mas a menina tinha tinta no cabelo”

Apesar das primeiras frases nos levarem a crer que Eduardo não vai falar sobre o assunto (asserção implícita), ele diz o que chamou sua atenção. Mais um caso de restrição, introduzida pelo conector “mas”.

(7) “Ela era de Leão e ele tinha dezesseis”

A oposição aqui é feita não com termos semanticamente contrários; todavia, como a intenção dessa primeira parte da música é mostrar e enfatizar como Eduardo e Mônica eram

diferentes um do outro, essa oração coloca os termos como opostos. Fica subentendido que o fato dele ter dezesseis anos se opõe de alguma forma a idade de Mônica, mesmo que essa não seja explicitada em “era de leão”. O conectivo usado para fazer essa oposição é o “e”, tradicionalmente considerado uma conjunção de adição. Nessa oração, contudo, ele funciona como um conector de ideias opostas.

(8) “Ela fazia Medicina e falava alemão

E ele ainda nas aulinhas de inglês”

Novamente temos uma oposição enfatizando a diferença de idade e vivência entre os dois. Enquanto Mônica já estava na faculdade e falava um idioma estrangeiro, Eduardo ainda estava no curso de inglês. O uso do advérbio ainda enfatiza o contraste temporal entre os dois. O conectivo “e” introduz a relação de oposição.

(9) “Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus

De Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud

E o Eduardo gostava de novela”

E jogava futebol-de-botão com seu avô

A oposição aqui se faz mostrando as diferenças culturais entre os dois. Mônica gostava de música, poesia e pintura; já Eduardo, gostava de novela e futebol de botão. Essas diferenças culturais também enfatizam a diferença de idade entre eles. O conector é o “e”.

(10) “Ela falava coisas sobre o Planalto Central

Também magia e meditação

E o Eduardo ainda tava no esquema escola, cinema

clube, televisão”

Enquanto ela já dominava alguns assuntos, Eduardo ainda estava na escola, aprendendo. A oposição, mais uma vez, demonstra a diferença de idade e maturidade entre os dois. Novamente, temos o advérbio ainda enfatizando essa diferença temporal e mostrando que Mônica está a frente dele. O conector “e” marca a oposição.

(11) “E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente

Uma vontade de se ver”

Aqui há uma restrição concessiva. O conector e mesmo prepara o ouvinte para uma conclusão contrária à inicialmente esperada. É uma estratégia de antecipação. Sendo “tudo

diferente” o esperado é que eles não começassem um relacionamento. Mas, contrariando as expectativas (asserção implícita), “veio...uma vontade de se ver”.

O segundo mesmo desse verso “veio mesmo” seria classificado de acordo com as gramáticas tradicionais como uma palavra denotativa de realce, mas ele também tem a função, pela sua repetição, de enfatizar a relação de restrição. Essa relação ficaria bem clara se ao invés da repetição da palavra mesmo, tivéssemos “e com tudo diferente, veio mesmo, de repente uma vontade de se ver”, onde mesmo funcionaria como mesmo assim e teria a função de marcar a relação restritiva.

(12) “Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília

E a nossa amizade dá saudade no verão

Só que nessas férias, não vão viajar

Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação”

Outra restrição concessiva. Nesses versos, toda a argumentação parte de inferências. A partir de “a nossa amizade dá saudade no verão” pressupõe que eles se reencontram nessa época do ano porque é quando o casal volta ao Rio de Janeiro para ver o amigo, o compositor da música. Isso se torna explícito na asserção concessiva através das estratégias de referência onde nessas férias retoma verão e não vão viajar refere-se à volta ao Rio, onde eles moravam onde se conheceram e onde ainda mora o compositor.

O conector “só que” introduz a restrição concessiva ao fato de Eduardo e Mônica costumarem vir passar as férias no Rio de Janeiro. Mas, com o filho em recuperação, essa asserção implícita não poderá ser realizada.

Novamente temos uma expressão, “só que”, que segundo a gramática normativa é denotativa de limitação.

Texto 2

Pais E Filhos

(13) “Eu moro com a minha mãe

Mas meu pai vem me visitar”

Esses versos realizam uma relação de restrição. A asserção implícita a partir da asserção de base “eu moro com a minha mãe” seria a de falta da figura paterna; o que é negado na próxima frase, a asserção restritiva, introduzida pelo conector “mas”.

(14) “Você me diz que seus pais

Não entendem

Mas você não entende seus pais...”

Nesses versos há um caso de oposição e restrição. As duas asserções se opõem de maneira explícita, com a inversão dos termos das orações: seus pais não entendem você x você não entende seus pais. Mas, ao mesmo tempo a primeira asserção, a asserção de base “Você me diz que seus pais não entendem” encerra uma asserção implícita de que já que ele considera que seus pais não o entendem, ele também poderia entender os pais, ser mais compreensivo com eles. Todavia, não é isso que ocorre.

As relações de oposição e restrição são introduzida pelo conector “mas”.

Texto 3

Amor Platônico

(15) “Você é o brinquedo caro

E eu a criança pobre”

Vemos aqui a relação de oposição entre “você x eu e brinquedo caro x criança pobre” (eixo semântico de valor econômico brinquedo caro x criança pobre) introduzida pelo “e”.

(16) “Dono de um amor sublime

Mas culpado por querê-la”

Nesses versos a relação é de restrição, introduzida pelo conector “mas”. A inferência feita a partir de um amor sublime (a asserção implícita) não seria a de sentimento de culpa (asserção restritiva).

(17) “Como quem a olha na vitrine

Mas jamais poderá tê-la”

Novamente, a relação é de restrição. Se ela está na vitrine, está a venda, acessível (asserção implícita). Todavia, essa conclusão é negada na asserção restritiva, introduzida pelo conector “mas”.

(18) “Eu sei de todas as suas tristezas

E alegrias

Mas você nada sabe

Nem da minha fraqueza

Nem da minha covardia

Nem sequer que eu existo”

Restrição: ele sabe de tudo sobre ela x ela não sabe nada sobre ele, introduzida pelo conector “mas”. Se ele sabe tudo sobre ela, seria de se esperar que ela soubesse tudo sobre ele (asserção implícita), o que é contrariado.

Texto 4

Anúncio de Refrigerante

(19) “Com muita coisa na cabeça, mas no bolso nada”

Nesses versos há outro caso de oposição e restrição. A relação é de oposição entre dois termos opostos num mesmo eixo semântico: “muita coisa x nada, e na cabeça x no bolso”. Mas, da mesma forma, a primeira asserção, a asserção de base “com muita coisa na cabeça” contém uma asserção implícita de que já que ele tem muita coisa na cabeça, era de se esperar que tivesse muita coisa em seu bolso, também. Mas, na verdade, o bolso está vazio.

As relações de oposição e restrição são introduzidas pelo conector “mas”.

Texto 5

Que País é Este

(20) “Ninguém respeita a constituição

Mas todos acreditam no futuro da nação”

Relação de restrição introduzida pelo conector “mas”. A asserção implícita que se pode concluir de “ninguém respeita a constituição” é a de que ninguém tem respeito por ou acredita em sua nação. Mas, essa conclusão é negada na asserção restritiva.

(21) “Terceiro mundo, se for

Piada no exterior

Mas o Brasil vai ficar rico

Vamos faturar um milhão”

Temos nesses versos uma restrição, introduzida pelo conector “mas”. Parte do terceiro mundo, que é caracterizado como piada no exterior, era de se esperar que o Brasil fosse descrito como pobre, e com poucas perspectivas de futuro. Entretanto, a asserção restritiva descreve o país como rico, no futuro.

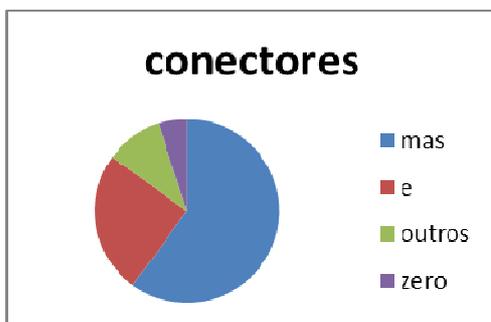
CONCLUSÕES

Os conectores mais usados nas letras de música da Legião Urbana usadas nesse trabalho são “mas” (12 dos 20 exemplos) e “e” (5 dos 20 exemplos), que se apresenta como um conector polissêmico capaz de estabelecer também a relação lógica de oposição, diferente da tradicional descrição da gramática normativa que o lista como uma conjunção coordenada de adição. Além desses dois conectores, vimos também dois conectores usados, cada um uma vez, para estabelecer a relação de concessão: o “só que” e o “e mesmo”; e um exemplo de relação de restrição estabelecida sem nenhum conector.

É interessante observar o uso da palavra “só” como conector, sinalizando a relação de restrição. Segundo a nomenclatura gramatical brasileira essa palavra é considerada apenas uma palavra denotativa, isto é, não se classifica em nenhuma das dez classes gramaticais existentes. As palavras denotativas são, do ponto de vista sintático, expletivas, isto é, não assumem nenhuma função; do ponto de vista morfológico, são invariáveis; do ponto de vista semântico, são essenciais no contexto em que se encontram. São chamadas de palavras denotativas porque são classificadas em função da ideia que expressam. Essas ideias podem ser as de limitação, caso do só, encontrado na letra de Eduardo e Mônica; realce, caso do segundo mesmo, também encontrado na letra de Eduardo e Mônica; exclusão, inclusão; situação; e outras.

A preponderância absoluta dos conectores tradicionalmente classificados como conjunções coordenativas pode ser explicada pela escolha do gênero textual. As letras de música, de forma geral, primam pelo uso do discurso o mais próximo possível do oral, mais informal e mais simples sintaticamente, o que justifica a opção pela coordenação. Podemos visualizar a proporção em que a coordenação aparece nas músicas no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - conectores de oposição e restrição encontrados nas letras



A música “Eduardo e Mônica” é a que mais apresentou exemplos da relação de oposição. A incidência maior dessa relação lógica nesta letra é facilmente explicada pela intenção do autor em, a partir da descrição do relacionamento entre os dois personagens da música, demonstrar que não há explicação lógica para o amor. Assim, Eduardo e Mônica são mostrados no começo da música como pessoas totalmente opostas, em termos de idade, escolaridade, gostos e vivência. Mas, mesmo assim, se apaixonam e constroem uma vida juntos, provando a tese do autor de que não se tem como prever que fatores levam ao amor entre duas pessoas.

IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO

A partir das conclusões desse trabalho, podemos concluir que é importante destacar, por sua frequência de uso, a polissemia do conector “e”, quando no estudo dos conectivos em se tratando do ensino de língua portuguesa. Exemplos do cotidiano podem ser usados para ilustrar essa polissemia e exercícios de substituição do “e” por outros conectores, tradicionalmente ligados a outras relações semânticas, podem ser uma forma de demonstrar os diferentes usos do “e”. Outro ponto interessante a ser trabalhado com os alunos é o uso das palavras chamadas denotativas como conectores.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual do discurso*. São Paulo: Cortez, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BEAUGRANDE, R. & DRESSLER, W. U. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981

CUNHA, Celso; LINDLEY CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

DUCROT, O. *Dizer-não dizer, princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual – trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

MONNERAT, Rosane Santos Mauro. Os Conectora *e* e *se* no texto publicitário – implicações semântico-discursivas. In: *CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN*, 2., 1999. Florianópolis: UFSC/ABRALIN, 2000. P.69-79.

_____. A expressão da contra(dis)junção no texto publicitário. Implicações semântico-discursivas. In: *Linguagem & Ensino*, Vol. 4, No. 2, 2001. P.123-142.

_____. Possibilidades discursivas do *e* – um conector curinga. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 185-203, jul./dez. 2003.